

CE da Redenção

Segundo a tradição cristã, repleta de simbolismo e mistério, **Tiago “o Maior”** nasceu 12 anos antes de Cristo na Galiléia. Era filho de Zebedeu e Salomé, e irmão de João Evangelista. Tudo indica que Salomé era irmã de Maria, mãe de Jesus. Portanto, Jesus, Tiago e João talvez fossem primos e bons amigos de infância.

Os "Filhos do Trovão", como eram chamados por Jesus, eram pescadores como o pai e estavam entre os primeiros dos 12 apóstolos escolhidos por Jesus. Tiago é chamado de "Maior" por ser mais velho que o outro apóstolo homônimo, filho de Alfeu, conhecido como "menor".

Consta que, após a ressurreição de Cristo – atendendo ao pedido de seu Mestre “vai e predica a todas as gentes, desde o princípio até o fim do mundo” – Tiago se dirigiu à Hispânia – nome dado pelos romanos ao território que hoje chamamos de Península Ibérica – em 34 d.C.

Naquela época, a região da “Gallaecia” – atual Galícia – mais concretamente “Finisterrae” – literalmente o fim da terra – era considerada os confins da Terra. Acredita-se que foi em Iria Flávia, a cidade mais importante da região durante o período romano, situada a cerca de 20 km a sudoeste de Santiago de Compostela, que o apóstolo Tiago pregou pela primeira vez durante a sua evangelização neste território. Porém, sua pregação no continente europeu durou pouco e não alcançou um grande número de conversões ao cristianismo.

Ao voltar a Jerusalém, o apóstolo revelou-se em um dos principais evangelizadores da comunidade cristã, admirado por seu entusiasmo e pela sinceridade de suas palavras. Membro da Igreja Primitiva de Jerusalém, Tiago foi o primeiro bispo da cidade, que vivia um clima de grande inquietação religiosa na busca da erradicação do incipiente cristianismo. Os Apóstolos estavam proibidos de pregar aos judeus, mas ignorando qualquer limite imposto, ele se manteve fiel à missão catequizadora.

Cansado das infrações e da capacidade de persuasão de Tiago, no ano 44 da era cristã, Abiathar – sumo sacerdote de Israel – inflamou uma multidão contra ele de forma que o levassem a Herodes Agripa I – Rei da Judéia – cruel e obstinado perseguidor dos cristãos. Ele foi preso, açoitado e decapitado.

A sentença foi executada durante as festas da Páscoa e transformou Tiago “o Maior” no primeiro Apóstolo a derramar seu sangue pela fé em Jesus Cristo.

Teodoro e Atanásio, seus discípulos – guiados por um anjo, em uma barca de pedra sem leme ou vela – levaram seu corpo e a sua cabeça de volta à Galícia. Após sete dias de navegação, aportaram nas areias de Padrón. Subiram o rio Sar – hoje Ulla – até Iria Flavia onde amarraram a barca em uma coluna de pedra “El Pedrón” que se diz ser a mesma que está hoje sob o altar-mor da Igreja Paroquial de Santiago de Padrón.

El Pedrón é um marco miliário, ou seja, uma marcação de distância usada nos caminhos romanos e colocadas a cada mil passos ou uma milha romana (1.418 metros). Dedicado ao deus Netuno, conforme as inscrições na pedra, acredita-se que foi um pequeno menir – monumento pré-histórico de pedra, cravado verticalmente no solo – e posteriormente reaproveitado como altar.

Em seguida, ao procurarem um local apropriado para enterrar dignamente os restos do santo, seus discípulos entraram nos domínios de uma rica e influente dama pagã, conhecida como Rainha Lupa, e pediram-lhe permissão para sepultá-lo. Ela, arditamente, os aconselhou a pedir permissão ao governador romano, representante de César na região, que imediatamente os prendeu por defenderem a nova doutrina cristã.

Mas eles, milagrosamente, conseguiram fugir da prisão e da perseguição dos soldados romanos e voltaram à presença de Lupa. A fim de colocá-los à prova, a rainha lhes indicou o local – hoje conhecido como Pico Sacro – a 15 km da atual Santiago de Compostela, dizendo-lhes: “Ide aquele monte e buscai dois bois que atrelareis a este carro e levai vosso Amigo e vosso Mestre para sepultardes onde queirais!”. Lupa sabia que lá não havia bois, mas touros selvagens. Porém, assim que os discípulos fizeram o sinal da cruz, os animais ficaram mansos.

Ao ver o milagre, a rainha acabou se convertendo à fé cristã e permitindo que enterrassem o corpo de Tiago no Monte “Liberum Donum” ou Libredón. As relíquias foram colocadas na chamada “Arca Marmárica”, e sobre ela construíram um altar e uma pequena capela. Oito séculos mais tarde, neste mesmo local, se levantaria a catedral, centro espiritual em torno do qual se desenvolveu a esplêndida cidade de Santiago de Compostela.

Outras fontes de pesquisa também citam que, na Bíblia, é comumente referido sob o nome de Jacob ou Jacó, termo que passou ao latim como Iacobus e derivou em nomes como Iago, Tiago e Santiago (sanctus Iacobus). **Tiago filho de Zebedeu ou Santiago Maior foi um dos primeiros discípulos a derramar o seu sangue e morrer por Jesus.** Membro de uma família de pescadores, irmão de João Evangelista -ambos apelidados Boanerges ('Filhos do Trovão'), pelos seus temperamentos impulsivos- e um dos três discípulos mais próximos de Jesus Cristo, o apóstolo Santiago não apenas esteve presente em dois dos momentos mais importantes da vida do Messias cristão – a transfiguração no monte Tabor e a oração no Jardim das Oliveiras -, senão que também formou parte do restrito grupo que foi testemunha do seu último milagre, a sua aparição já ressuscitado nas margens do mar de Tiberíades. **Após a morte de Cristo, Santiago, apaixonado e impetuoso, formou parte do grupo inicial da Igreja primitiva de Jerusalém e, no seu labor evangelizador, adjudicou-se-lhe, segundo as tradições medievais, o território peninsular espanhol, concretamente a região do noroeste, conhecida então como Gallaecia. Algumas teorias apontam que o atual patrono de Espanha chegou às terras do norte pela desabitada costa de Portugal. Outras, no entanto, traçam o seu caminho pelo Vale do Ebro e pela via romana cantábrica e há inclusivamente as que asseguram que Santiago chegou à Península pela atual Cartagena, desde onde prosseguiu a sua viagem até à esquina ocidental do mapa.**

Após recrutar os sete varões apostólicos, que foram ordenados bispos em Roma por São Pedro e receberam a missão de evangelizar na Hispania, o apóstolo Santiago regressou a Jerusalém, segundo os textos apócrifos, para, juntamente com os grandes discípulos de Jesus, acompanhar a Virgem no seu leito de morte. Ali foi torturado e decapitado no ano 42 por ordem de Herodes Agripa I, rei da Judeia. Os supostos testamentos relatam que, antes de morrer, Maria recebeu a visita de Jesus ressuscitado, a quem pediu passar os seus últimos dias rodeada dos apóstolos, que se encontravam dispersos por todo o mundo. O seu filho permite-lhe que seja ela mesma, através de aparições milagrosas, a avisar os discípulos e, desta forma, a Virgem apresentou-se sobre um pilar de Zaragoza perante o apóstolo Santiago e os sete varões, episódio hoje venerado na basílica de Nuestra Señora del Pilar.

Foram estes sete discípulos, relata a lenda, os que, após escaparem aproveitando a obscuridade da noite, trasladaram o corpo do apóstolo Santiago numa barca até à Galiza, onde chegaram através do porto de Iria Flavia (atual Padrón). Os varões depositaram o corpo do seu mestre numa rocha – que foi cedendo e cedendo, até converter-se no Sarcófago Santo- para visitarem a rainha Lupa, que então dominava desde o seu castelo as terras onde agora se assenta Compostela, e solicitar-lhe à poderosa monarca pagã terras para sepultar Santiago.

A rainha acusou os recém-chegados do pecado da soberba enviou-os à corte do vizinho rei Duyos, inimigo do cristianismo, que acabou por prendê-los. Segundo a tradição, um anjo – noutros relatos, um brilho luminoso e estrelado – libertou os sete homens do seu cativeiro e, durante a sua fuga, um novo milagre acabou com a vida dos soldados que os perseguiram ao cruzarem uma ponte. Mas este não foi o único contratempo que os varões enfrentaram. Os bois que a rainha lhe havia facilitado para guiarem o carro que transportaria o corpo de Santiago a Compostela resultaram ser touros selvagens que, no entanto, também milagrosamente, foram-se amansando por si sós ao longo do caminho. Lupa, atónita perante tais episódios, rendeu-se aos varões e converteu-se ao cristianismo, mandou derrubar todos os lugares de culto celta e cedeu o seu palácio particular para enterrar o Apóstolo. Hoje ergue-se no seu lugar a catedral de Santiago.

Não foi até oito séculos mais tarde, no ano 813, quando um ermitão chamado Paio alertou o bispo de Iria Flavia, Teodomiro, da estranha e potente luminosidade de uma estrela que observou no monte Libredón (daí o nome de Compostela, campus stellae, 'Campo da Estrela'). Sob as ervas daninhas, ao pé de um carvalho, foi encontrado um altar com três monumentos funerários. Um deles guardava no seu interior um corpo degolado com a cabeça debaixo do braço. Ao seu lado, um letreiro rezava: «Aqui jaz Santiago, filho do Zebedeu e de Salomé».

O religioso, por revelação divina, atribuiu os restos ósseos a Santiago, Teodoro e Atanásio, dois dos discípulos do Apóstolo compostelano, e informou do descobrimento o rei galaico-asturiano Afonso II o Casto, que, após visitar o lugar, nomeou o Apóstolo patrono do reino e mandou construir uma igreja em sua honra. Rapidamente se estendeu por toda Europa a notícia da existência do sepulcro santo galego e o apóstolo Santiago converteu-se no grande símbolo da Reconquista espanhola. O rei das Astúrias foi apenas o primeiro de toda a maré de peregrinos que vieram depois.

A autenticidade dos restos do apóstolo Santiago gerou, no entanto, muitos e acesos debates e protagonizou meticulosas investigações. A inverosímil trasladação – pela dificuldade que supõe – do corpo do discípulo de Jesus até solo galego é apenas uma das muitas lacunas de uma tradição que se move entre o rigor histórico e as lendas mágicas. Estudos arqueológicos demonstraram que Compostela era uma necrópole pré-cristã, mas jamais se efetuaram investigações científicas sobre os restos que guardam as paredes da Catedral, até ao ponto de alguns investigadores terem inclusivamente atribuído tais relíquias ósseas a Prisciliano de Ávila, o bispo hispano acusado de heresia.

No entanto, a história dos ossos do Apóstolo não acaba aqui. Uma vez descobertas e honradas com um templo cristão, as relíquias não pararam quietas muito tempo. Segundo a tradição oral, no século XVI tiveram que ser escondidas para evitar a profanação pelos piratas que ameaçaram a cidade compostelana após desembarcarem no porto da Corunha (maio de 1589). As escavações levadas a cabo em finais do século XIX, ao perder-se a pista dos restos de Santiago, revelaram a existência de um esconderijo – dentro da abside, atrás do altar principal, mas fora da edícula que haviam construído os discípulos – de 99 centímetros de comprimento e 30 de largura, onde se ocultaram, e se perderam, durante anos, os ossos do Apóstolo. Em 1884, o papa Leão XIII reconheceu oficialmente esta segunda descoberta.